

GÊNERO TEXTUAL CONTO MARAVILHOSO: ESTRATÉGIAS DE LEITURA

Nayara Lemos Braga
Graduanda em Letras – Fapam
E-mail: nayarabraga44@hotmail.com

Thais Aparecida Silva Ribeiro
Graduanda em Letras – Fapam
E-mail: thaishand7@hotmail.com

Profa. Dra. Ana Paula Ferreira
Doutora em Comunicação e Semiótica – PUC-SP
E-mail: paulaferreira03@yahoo.com.br

BRAGA, N. L. *et al*

RESUMO

O presente estudo tem o objetivo de investigar o trabalho com o conto maravilhoso como ferramenta para a abordagem de estratégias de leitura com alunos dos 6º e 7º anos do Ensino Fundamental a fim de proporcionar-lhes melhor compreensão textual. Dessa forma, pretende-se pensar estratégias para formar leitores ativos, capazes de identificar, reconhecer e entender o que leem. Para referencial teórico, elegem-se Isabel Solé e suas formulações sobre estratégias de leitura, Regina Dell’Isola e a teorização sobre inferências e Marina Warner e seu pensamento sobre o conto como gênero literário. Para aplicação das ideias desenvolvidas, selecionam-se os contos “Smallhead and the king’s sons”, de Joseph Jacobs, e “A menina dos fósforos”, de Hans Christian Andersen.

Palavras-chave: Compreensão leitora – conto maravilhoso – estratégias de leitura – gênero textual – leitura.

1. INTRODUÇÃO

Sabendo-se que os gêneros textuais são de suma importância para o desenvolvimento da compreensão e da interpretação de textos, o presente artigo busca mostrar algumas estratégias de leitura que podem ser utilizadas no Ensino Fundamental II como instrumentos para a realização de novas aprendizagens.

Nesse sentido, o objetivo deste estudo é investigar as possibilidades de aplicação do conto maravilhoso com intuito de melhorar as competências curriculares propostas quanto à leitura de alunos dos 6º e 7º anos, tais como conjeturas, compreensão, interpretação, estabelecimento de inferências e conhecimento do que está sendo lido.

O gênero literário a ser utilizado pode despertar o gosto pela leitura, devido a sua construção, cujas representações de família, somadas aos conflitos vividos pelas personagens, são cotidianamente encontradas no convívio social, estimulando-se, assim, a superação, não só das dificuldades linguísticas, mas também dos problemas cotidianos enfrentados pelos leitores.

Warner (1999) enfatiza que os contos maravilhosos trazem certo conforto diante da realidade, orientando as experiências estabelecidas em condições sociais e materiais, pois, muitas vezes, colocam o leitor diante de um momento mágico, o qual tranforma os medos em coragem, decepção em esperança, tristeza em alegria, o que auxília na aprendizagem literária e no desenvolvimento de conhecimentos passíveis de uma transformação sociocultural.

Para Warner (1999), essas narrativas são um meio de autoconhecimento e de descobertas sobre o mundo exterior e não devem ser vistas somente como entretenimento infantil, mas principalmente como ferramentas para o conhecimento de vida.

Foram escolhidos dois contos maravilhosos (“Smallhead and the king’s sons”, de Joseph Jacobs, e “A menina dos fósforos”, de Hans Christian Andersen), que serão analisados de acordo com as estratégias de leitura, que buscam a compreensão leitora e aprendizagens significativas. Nesse sentido, é importante perguntar: em que medida ensinar estratégias de leitura pode contribuir para o desenvolvimento pleno da compreensão de texto pelos discentes?

Solé (1998) esclarece que, quando se possui uma provável habilidade para a decodificação, a compreensão é fruto de três condições: “clareza e coerência do conteúdo dos textos, o grau de conhecimento prévio do leitor e as estratégias que ele utiliza para intensificar sua compreensão”.

Para que a compreensão seja possível, é necessário, não só que o texto esteja aberto à leitura, mas também que o leitor disponha de alguns conhecimentos adequados àquele texto. Disso decorre a importância do estudo dos gêneros textuais e, sobretudo, literários em sala de aula.

Assim, as estratégias pesquisadas buscam motivar os alunos do Ensino Fundamental II, expondo-lhes objetivos de leitura, ampliando seus conhecimentos prévios e incentivando suas leituras, de modo que adquiram mais autoconfiança e interesse por essa atividade, tornando-se leitores ativos.

Para referencial teórico, elegem-se Isabel Solé, por suas formulações sobre estratégias de leitura, Regina Dell’Isola, pela teorização sobre inferências e Marina Warner por sua concepção do conto como gênero literário.

2. CONTO MARAVILHOSO: ESPECIFICIDADES DO GÊNERO

Nos últimos anos, o trabalho com os gêneros textuais vem assumindo uma fundamental importância no processo de ensino-aprendizagem, auxiliando de modo significativo no preparo para o domínio da linguagem e da escrita em situações diversas. Os gêneros textuais podem ser concebidos como um conjunto de textos do dia a dia que fazem parte da prática corrente de comunicação. A intenção, ao se explorar sua abordagem em sala de aula, é que se criem na escola,

situações comunicativas que se assemelhem com o cotidiano, fazendo, assim, com que os alunos possam ampliar o domínio da leitura.

No processo de ensino aprendizagem dos diferentes ciclos do Ensino Fundamental, espera-se que o aluno amplie o domínio discursivo nas diversas situações comunicativas, sobretudo nas instâncias públicas de uso da linguagem, de modo a possibilitar sua inserção efetiva no mundo da escrita, ampliando suas possibilidades de participação social no exercício da cidadania (BRASIL, 1998, p.32).

Segundo Marcuschi (2002), não há comunicação verbal senão, por meio de um gênero textual, pois é impossível comunicar-se verbalmente a não ser por algum texto. Para o autor, “gêneros são formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos” (2002, p. 25, p.302). Existem diversos gêneros, os quais são usados em função de situações sociais convencionais.

A distinção dos gêneros é determinada pela esfera discursiva e pelas necessidades diversificadas para que haja um diálogo com o destinatário, pois eles seguem princípios históricos e sociais, indispensáveis à condição humana. Por serem extremamente ligados a essas necessidades, têm uma variedade inumerável e, por isso, há uma grande dificuldade de registrar todas as suas modalidades.

À medida que cada esfera se desenvolve, surgem mais gêneros para acolher as necessidades ligadas a essas esferas, pois, como afirma Bakhtin (2003), “são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana”.

Pode-se afirmar, então, que Marcuschi, assim como Bakhtin, tem uma perspectiva de gêneros baseada na interação e na comunicação dos textos, dada a importância que essas duas tarefas assumem.

Um dos gêneros literários mais ricos é a narração, havendo atualmente diversos tipos de textos narrativos elaborados e lidos por pessoas de todo o mundo. A narrativa tem como objetivo principal contar algum fato, servindo este para distração, informação ou aprendizagem.

Bosi (1979, p.21) defende que o conto funciona como uma espécie de “poliedro capaz de refletir as situações mais diversas de nossa vida real ou imaginária”. Mesmo sendo ele pequeno, é eficaz a ponto de transmitir brevemente o conflito que contém.

Como afirma Cortázar (2006) “o conto parte da noção de limite, e, em primeiro lugar, limite físico”, podendo-se afirmar, assim, que a duração reduzida é um de seus principais pontos. São narrativas transmitidas por escrito ou oralmente, mantendo até mesmo o vocabulário original sem perder seu sentido, trazendo a ideia de uma voz narrando e de uma pessoa ouvindo. Eles apresentam

uma moral diferenciada da que se vê em outros textos, e que pode ser considerada flexível por não se tratar de princípios universais.

Estamos acostumados e condicionados a pensar na moral como um acervo de princípios abstratos, gerais e universais de comportamento que deve ser respeitado por todos seja qual for a situação: não mentir, não roubar, não matar, valorizar a busca da justiça, da imparcialidade, da impessoalidade, da isonomia, da isenção e da neutralidade. (Azevedo, 2007, p.182)

Dentre esses textos, o conto maravilhoso (ou contos populares) – é um dos que mais se destacam entre os de tradição oral, no que diz respeito à sua temática social. Essas narrativas possuem uma linguagem acessível e temas de interesse geral, sendo uma de suas características importantes a forma como são estruturadas, pois devem levar ao ouvinte uma compreensão da experiência de vida do outro. Por meio da magia e do encantamento, os contos maravilhosos tratam de problemas que dizem respeito às condições humanas e criam a possibilidade de pensar e refletir sobre as ações do homem da vida concreta.

O maravilhoso contém, segundo Chiampi (1980), uma carência do princípio da realidade que permite os acontecimentos extraordinários, as personagens sobrenaturais, o tempo impreciso e o espaço ilusório. Por ser uma narrativa que não problematiza a separação entre o imaginário e o real, o conto maravilhoso narra acontecimentos impossíveis de se realizarem, não se preocupando, assim, com a verossimilhança. Além disso, pode haver elementos que se destacam junto ao sobrenatural, como objetos que auxiliam o herói no decorrer de sua vida.

Nesses contos, as personagens nunca envelhecem; não se fala nada da vida delas de antes ou depois da ação narrada e não há necessidade de um laço familiar entre elas. Elas não possuem relações duradouras durante a história: estão presentes apenas para o desenrolar do enredo e depois desaparecem (Lüthi, 1986).

Outras características são o tempo incerto, pois, geralmente, é impossível saber quando tudo aconteceu, e a forma com que os sentimentos são representados, pois o narrador descreve a tristeza ou a alegria por meio das ações das personagens e quase nunca por meio de reflexões extensas ou profundas.

Um dos componentes mais importantes da literatura infanto-juvenil sempre foi o maravilhoso, pois este transmite emoções que proporcionam ao leitor um mundo simbólico capaz de atuar pouco a pouco nos conflitos interiores de sua vida.

3. LEITURA: UM PROCESSO DE CONSTRUÇÃO

Ler é uma atividade que supõe compreensão, sendo muitas vezes necessário cuidado e atenção para que se possa conseguir analisar e não apenas decodificar o que é lido. Ler não é decodificar, embora a decodificação seja o primeiro passo para a ocorrência da leitura. Decodificar é apenas obter a informação visual que vem pelo globo ocular diante da página impressa. (DELL'ISOLA, 1988 p.31).

A leitura é um meio de interação entre o texto e o leitor e, para que ocorra essa interação, o leitor precisa ir além de sua capacidade de decifrar sinais: é fundamental que dê sentido e compreenda o que lê. Para isso, são utilizadas algumas estratégias de leituras.

As estratégias de leitura são recursos utilizados para construir significados diante do que se lê. Trata-se de ações que ajudam na compreensão, na antecipação e nas inferências e são muito importantes, pois, sem elas, não é possível que haja competência no ato de ler. Solé (1998, p. 89) enfatiza que “muitas das estratégias são passíveis de trocas, e outras estarão presentes antes, durante e depois da leitura”.

O leitor precisa se manter em interação com o que lê, pois nem tudo vem explícito em uma escrita e, quase sempre, ele terá que fazer inferências para interpretar corretamente o texto de acordo com as exigências do gênero. Essas estratégias se tornam ainda mais relevantes quando se considera que, segundo Dell'isola (1988, p.36), a compreensão da leitura é individual e depende em parte dos códigos que o leitor manuseia, de sua cultura, dos sistemas cognitivos e do contexto da leitura. Assim, as estratégias de leitura asseguram, de certa forma, que as impressões individuais sobre o texto não impeçam o entendimento objetivo do que é lido.

Alguns indicadores podem contribuir para que o leitor possa formular melhor suas previsões sobre o que pode suceder no texto. É nesse âmbito que entra o ensino de estratégias de leitura pelo professor. Elas não funcionarão como algo infalível, mas podem ser de grande contribuição.

Nesse sentido, Solé salienta algumas estratégias que sugerem perguntas, cujas respostas fazem-se necessárias para entendimento da leitura. Devido à importância do entendimento da integralidade do pensamento da autora, cita-se, aqui, o trecho inteiro.

1- Compreender os propósitos implícitos e explícitos da leitura. Equivaleria a responder às perguntas: Que tenho que ler? Por que / para que tenho que lê-lo?

2- Ativar e aportar à leitura os conhecimentos prévios relevantes para o conteúdo em questão. Que sei sobre o conteúdo do texto? Que sei sobre conteúdos afins que possam ser úteis para mim? Que outras coisas sei que possam me ajudar: sobre o autor. O gênero, o tipo de texto...?

3- Dirigir a atenção ao fundamental em detrimento do que parece trivial (em função dos propósitos perseguidos; v. ponto 1. Qual é a informação essencial proporcionada pelo texto e necessária para conseguir o meu objetivo de leitura? Que informações posso considerar pouco relevantes, por sua redundância, seu detalhe, por serem pouco pertinentes para o propósito que persigo?

4- Avaliar a consistência interna do conteúdo expressado pelo texto e sua compatibilidade com o conhecimento prévio e com o “sentido comum”. Este texto tem sentido? As ideias expressadas no mesmo têm coerência? É discrepante com o que eu penso, embora siga uma estrutura de argumentação lógica? Entende-se o que quer exprimir? Que dificuldades apresenta?

5- Comprovar continuamente se a compreensão ocorre mediante a revisão e a recapitulação periódica e a autointerrogação. Que se pretendia explicar nesse parágrafo – subtítulo, capítulo –? Qual é a ideia fundamental que extraio daqui? Posso reconstruir o fio dos argumentos expostos? Posso reconstruir as ideias contidas nos principais pontos? Tenho uma compreensão adequada dos mesmos?

6- Elaborar e provar inferências de diversos tipos, como interpretações, hipóteses e previsões e conclusões. Qual poderá ser o final deste romance? Que sugeriria para resolver o problema exposto aqui? Qual poderia ser – por hipótese – o significado desta palavra que me é desconhecida? Que pode acontecer com este personagem? (SOLÉ, 1998, p. 73,74)

É importante ressaltar que toda leitura é sempre um processo de constante formulação de deduções, hipóteses e previsões, tendo o leitor um papel ativo de saber lidar com as informações explícitas e implícitas no texto para construir os sentidos da leitura de forma mais eficaz.

Nesse sentido, o conto maravilhoso possui certas lacunas que podem auxiliar o aluno na compreensão do texto, mas que também podem ser exploradas pelo docente para empregar estratégias de leitura e fomentar o desenvolvimento da habilidade leitora. Os aspectos que se fazem presentes no gênero, como as inferências, a identificação dos conflitos, a lição que a história pode transmitir, o desfecho, dentre outros, podem aguçar a curiosidade do aluno. As histórias exibidas sempre apresentam uma problemática social ou existencial.

Os acontecimentos são marcados pela presença de criaturas ou objetos mágicos, do inesperado, de um personagem mal, da conquista do que se esperava e, geralmente, da celebração do bem. O enredo também apresenta a moral e a virtude como parte fundamental da natureza humana. Isso pode não só contribuir para a simples compreensão textual no momento da leitura, como também agregar conhecimentos que serão levados para a vida, uma vez que os contos levam o pensamento para além da ficção.

Dois textos foram escolhidos para destacar algumas observações que podem ser feitas no decorrer da leitura do conto maravilhoso: “Smallhead and the king’s sons”, de Joseph Jacobs, e “A menina dos fósforos”, de Hans Christian Andersen.

A narrativa de “A menina dos fósforos” conta a trajetória de uma personagem que, na noite de Ano Novo, tentava vender palitos de fósforos em meio ao inverno rigoroso. Dada a intensidade do frio, a protagonista não conseguiu outro meio de se aquecer a não ser riscando os próprios fósforos que tentava vender. Assim, seguidas vezes, a luz dos palitos fazia com que a menina visse imagens, cenas que iam entretendo-a até que uma delas chama especialmente a atenção e desencadeia um desfecho surpreendente para o leitor.

Em “Smallhead and the king’s sons”, uma mulher tinha três filhas, sendo que as mais novas não gostavam da mais velha e apelidaram-na de cabeça pequena, pois achavam que ela não era muito esperta. As mais novas mataram a própria mãe e resolveram fazer o mesmo com Cabeça Pequena, caso ela não cumprisse a ordem de encontrar vinte agulhas em um monte de palhas até o amanhecer. Porém, um gato aparece e ajuda a personagem a executar a tarefa.

As irmãs assassinas fogem. Uma delas chega à casa de uma bruxa que, por sua vez, pede a seu filho que as mate, mas elas meninas fogem e se deparam com com uma ponte de sangue que só poderia ser atravessada por quem nunca tivesse cometido um assassinato. Para salvar as irmãs, Cabeça Pequena atravessa levando uma a uma em suas costas. A história segue e outras peripécias se desenvolvem.

Destacam-se abaixo elementos próprios dos contos maravilhosos em geral, seguidos de sua apresentação nos contos em análise:

- **O sobrenatural**

Na história da personagem Cabeça Pequena, um gato, surgindo justamente quando a menina tem que procurar agulhas em um palheiro, torna-se o sobrenatural. O gato, que é a mãe da personagem, ajuda na procura das agulhas. Já no conto “A menina dos fósforos”, as cenas que ela visualiza a cada fósforo que risca, revelam o sobrenatural.

- **Momentos de suspense**

Um momento de grande suspense presente em “A menina dos fósforos” acontece quando a protagonista chega ao último palito. Nesse momento, o professor pode fazer uma intervenção, levando os alunos a imaginarem o que poderia acontecer dali para frente.

- **Personagens sempre planos (simples)**

A maioria dos personagens são planos, ou seja, seu caráter não se modifica durante todo o decorrer da história.

- **Percepção das incoerências no comportamento dos personagens**

A personagem Cabeça Pequena não modifica seu comportamento mediante as atitudes das irmãs que queriam prejudicá-la. Ela se passa por uma personagem ingênua, a quem nada faz mudar de atitude, não importa o que aconteça.

- **Inverossimilhança**

A cena em que há a quebra da lógica no conto “A menina dos fósforos” é rica literariamente e pode não ser percebida pelo leitor, sobretudo se distraído. Nesse sentido, torna-se interessante que o professor interrompa a leitura nesse momento e discuta com os alunos a verossimilhança a fim de que as imagens que antecedem a morte da criança sejam de percepção mais produtiva para os alunos.

Vale lembrar que esse tipo de recurso é empregado em vários contos maravilhosos e, portanto, o conhecimento construído a partir da atividade sugerida abaixo poderá ser associado aos demais textos que os alunos vierem a ler e contribuir para sua facilidade em inferências.

- **Justificativa para as ações dos personagens**

Pensar no que move os personagens também pode ser importante para o bom entedimento do conto lido. Por que a menina fica do lado de fora riscando os fósforos e vendo as cenas acontecerem ao invés de bater à porta, pedindo ajuda? A atitude da menina pode ser colocada em questão de modo que os alunos possam fazer suposições de levando o imaginário além.

- **Felizes para sempre**

Outra pergunta importante: qual o motivo de a história não apresentar o final feliz? Embora os contos, em sua maioria, terminem com a resolução do problema, a conquista, e o final feliz, a história da menina dos fósforos, não termina dessa forma. Nesse caso, o aluno deve ser direcionado a uma reflexão mais profunda sobre as verdadeiras intenções do autor. Ao fazer uma análise, percebe-se que ele reflete a realidade, podendo o professor abranger o assunto para além do que está sendo lido, trazendo a questão para os dias atuais.

4. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Antes da leitura

Sugere-se que o professor faça a leitura do conto, interrompendo-a em alguns momentos estratégicos. Antes de iniciar a leitura, alguns questionamentos podem ser propostos aos alunos, conforme Solé sugere na estratégia de número dois, supracitada, para que, dessa forma, possam ativar seus conhecimentos prévios, por exemplo: O que é conto e O que os alunos sabem sobre esse tipo de texto? Quais são suas características? Quais textos dessa modalidade os alunos já conhecem e mais os marcaram? Já leram algum conto maravilhoso?

Uma explicação clara deve ser feita sobre os gêneros para que os alunos possam adquirir conhecimentos sobre algumas das características pertencentes ao conto maravilhoso e, assim, o trabalho possa ser desenvolvido de modo produtivo.

A leitura do conto pode de ser feita de forma dinâmica. Por exemplo, no conto “A menina dos fósforos”, o professor pode fazer a leitura somente do início do texto, fazendo uma pausa no momento em que a menina perde os chinelos.

Após a leitura da primeira parte, o professor pode pedir para que os alunos deem continuidade à história. Aleatoriamente, ele vai escolhendo os alunos e cada um deles continua a narração a partir do ponto em que o anterior parou.

Formulada a história pelos estudantes, uma leitura completa do texto deve ser feita para que possam analisar o que criaram, ver se o texto faz sentido, se é coerente, se tem lógica e se é possível entender.

Com essa parte da atividade, é possível que o professor perceba os pontos que foram compreendidos sobre o gênero e quais ainda são importantes para serem frisados.

Durante a leitura

No momento da apresentação do conto, o professor mesmo vai lendo a história para os alunos, em partes, para que, dessa forma, quando o conto atingir pontos de maior destaque, algumas intervenções sejam feitas. Além disso, poderão ser observados os diferentes pontos de vista dos alunos diante do que ouvem.

Sugere-se, então, que sejam feitas perguntas cujas respostas possam ser deduzidas, e que o aluno leitor precise relacionar elementos do texto para formular algum tipo de inferência, avaliando o conteúdo do texto, como sugere Solé (1998). Essas perguntas, por exemplo, no conto “A menina dos fósforos”, podem ser: qual a situação inicial do conto? por que a menina não voltou para casa apesar do frio intenso? o que levava a menina a riscar fósforo após fósforo, além de tentar se aquecer? o que a menina esperava ver cada vez que riscava um fósforo? É importante que as perguntas não induzam diretamente a uma previsão clara em trechos em que os alunos precisem de maior concentração para desenvolverem a compreensão textual.

Assim, o professor divide a turma em grupos, começa a leitura do conto e, em uma parte significativa para, fazendo perguntas de intervenções. Nesse momento, os grupos deverão debater e fazer reflexões sobre a questão levantada. Logo após a discussão, o professor pergunta a cada grupo a que conclusão chegou e quais os motivos que o levaram a essa compreensão. Por conseguinte, poderão ver qual se aproxima mais da história e dar continuidade ao texto.

O conto “Smallhead and the king’s sons” possui várias partes em que as intervenções estratégicas podem ser usadas, pois ele contém situações difíceis de serem inferidas devido à inverossimilhança, por exemplo, na parte em que aparece um gato que ajuda a personagem Cabeça Pequena a encontrar uma agulha. Nesse momento, o professor pode perguntar aos alunos o que eles pensam sobre o gato, por que ele apareceu justo naquele momento e como e por que um gato ajudaria a garota. Após as discussões, pode-se perceber se o aluno realmente consegue perceber o sobrenatural ali presente e que isso é uma característica muito frequente nessas narrativas.

Um aspecto importante de se trabalhar nesse conto é a personalidade da personagem principal, Cabeça Pequena. Seria interessante interromper a narração no momento em que ela e outras personagens precisam atravessar a Ponte de Sangue, a qual só podia ser atravessada por alguém que nunca tivesse cometido um assassinato. Nesse momento, o professor pode propor que os grupos suponham o que a Cabeça Pequena fez nesse momento e, depois, troquem ideias. Para isso, o docente pode explicar o comportamento da personagem, mostrando como são as planas e quais características principais elas possuem.

Depois da leitura

Quando a leitura terminar e os pontos de destaque dos contos tiverem sido analisados, chega-se ao momento de uma análise mais profunda, uma vez que os alunos já possuem alguns pré-requisitos para a compreensão, seja total ou parcial do que leram. Algumas perguntas sobre o texto, relacionadas às características dos contos maravilhosos, ainda podem ser feitas. Nos contos maravilhosos, os vilões são ogros, lobos, bruxas, seres criados pela imaginação popular. Assim, o docente pode conversar com os alunos sobre o papel de vilão no conto “A menina que vendia fósforos” – quem desempenha essa função e qual comparação pode ser feita entre este personagem do texto lido e os outros vilões que conhecem de outras histórias.

O estudo do conto pode ser levado para além da ficção, uma vez que os contos surgiram na Idade Média, época em que a desigualdade social fomentava uma miséria alarmante. Perguntas relacionadas a esse tema podem ser feitas como: o conto lido retrata uma situação social? vocês acham que essa era a principal intenção do autor? nos contos maravilhosos, heróis e heroínas costumam vencer os obstáculos, e triunfar no final; vocês acham que a menina dos fósforos triunfa no final?

Quando todas as perguntas forem respondidas se ainda restar alguma dúvida para o professor quanto ao entendimento dos alunos sobre o texto, ele pode pedir a eles que façam um resumo do conto. Durante a escrita, o docente poderá confirmar o nível de entendimento dos alunos.

Perguntas como as formuladas a seguir podem ajudar: quais foram os fatos importantes dentro da história? os personagens tinham algum problema? como eles resolveram o problema? que lições podem ser extraídas dessa história?

Sendo assim, as estratégias utilizadas nos contos poderão ser percebidas em qualquer outro texto da mesma modalidade, de modo que sua identificação contribui para o entendimento mais profundo dos textos, bem como pode ajudar o aluno a escrever seu próprio conto, sendo esta uma proposta bem interessante e enriquecedora.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura no meio social encarrega-se de uma tarefa crucial, a de despertar e proporcionar conhecimentos indispensáveis para a construção integral da vida do aluno na sociedade. Essa atividade é um hábito que se adquire no decorrer da vida, e é função da escola proporcionar aos alunos um contato com os diversos gêneros existentes, para que, dessa forma, o aluno obtenha conhecimento do que lê, ampliando sua visão de mundo, tornando-se mais crítico e apresentando seu posicionamento próprio diante da realidade.

Diante disso, é importante que o aluno seja estimulado à leitura por prazer e não por obrigação. O professor, juntamente com a escola, deve buscar meios para que a inserção da leitura possa despertar nos dicentes a curiosidade, tendo em vista sua função transformadora.

Estratégias de leitura, se bem trabalhadas pelo professor, podem auxiliar os alunos para além das atividades desenvolvidas em sala de aula, na ativação do conhecimento prévio, na identificação das ideias centrais do texto e também na elaboração de resumos. O objetivo maior é formar leitores competentes, que compreendem o que leem, que sejam capazes de estabelecer relações entre textos, de identificar elementos neles implícitos. Elas permitem que o leitor trace, controle e guie seu próprio pensamento enquanto lê. Além do mais, podem ser aplicadas em qualquer gênero textual, sendo eficaz no aprimoramento da leitura.

A partir das leituras teóricas feitas e do planejamento das atividades, foi possível perceber que, de fato, o trabalho utilizando os contos maravilhosos pode fomentar o desenvolvimento das práticas de leitura ligadas à inferência.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSEN, Hans Christian. **A menina dos fósforos.** Disponível em: <<https://contadoresdestorias.wordpress.com/2007/11/07/a-menina-dos-fosforos/>> Acesso em: 24 de Abril de 2017.

AZEVEDO, Ricardo. **Conto popular, literatura e formação de leitores.** Revista Releitura, Belo Horizonte. n. 21, p. 182, abr. 2007. Disponível em: <<http://www.ricardoazevedo.com.br/wp-content/uploads/Contos-populares.pdf>> Acesso em: 10 abr. 2017.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** 4ª ed. Tradução de: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial curricular nacional para a educação infantil.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

BOSI, Alfredo. **O conto brasileiro contemporâneo.** São Paulo: Cultrix, 1975.

CORTÁZAR, Julio. **Alguns aspectos do conto e Do conto breve e seus arredores.** In Valise de cronópio. Trad. Davi Arrigucci Jr. E João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006.

DELL'ISOLA, Regina L.P. **Leitura: inferências e contexto sócio-cultural.** Belo Horizonte: Fale, Ufmg, 1988.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva, MACHADO, Anna Rachel e BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais & ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura.** Tradução Cláudia Schiling- 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

WARNER, Marina. **Da fera à loira:** sobre contos de fadas e seus narradores. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.